

## UMA ANÁLISE PARA OS ADJETIVOS EM *-VEL* À LUZ DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

Maurício RESENDE\*

Núbia RECH\*\*

- **RESUMO:** Este artigo apresenta uma análise para os adjetivos em *-vel* dentro do quadro teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993). A proposta apresentada, desenvolvida com base em Oltra-Massuet (2014), postula que as leituras modais (possibilidade, probabilidade e obrigação) e a não modal (gatilho) associadas aos adjetivos em *-vel* resultam da presença de diferentes núcleos funcionais que compõem sua estrutura ( $v^o$ , Asp e Mod). Nessa linha, argumenta-se que /vel/ corresponde a um único item de Vocabulário que realiza o núcleo adjetivizador ( $a^o$ ) na presença de um núcleo funcional ModP e também nos contextos de um traço [CAUSA]. Isso explica os diferentes sentidos que os falantes do PB associam a esses adjetivos. Os adjetivos que licenciam uma interpretação modal têm na sua estrutura a projeção de um núcleo ModP; ao passo que os adjetivos com leitura não modal não projetam esse núcleo. Este artigo propõe uma importante distinção estrutural entre os adjetivos em *-vel* com leitura modal, qual seja: apenas os que geram uma leitura de possibilidade projetam o núcleo Voz; os demais projetam apenas o núcleo  $vP$ , que introduz leitura de evento, mas não licencia a projeção do argumento externo (cf. KRATZER, 1996; ALEXIADOU, 2001). Essa proposta postula ainda um traço [CAUSA] presente no categorizador adjetival, o qual atribui a leitura de gatilho aos adjetivos em *-vel* com leitura não modal.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Morfologia distribuída. Adjetivos em *-vel*. Modalidade.

### Introdução

Já é de longa data dentro dos estudos linguísticos o reconhecimento de certas propriedades comuns ao repertório lexical/gramatical de uma língua no que tange à expressão da modalidade, a saber, (i) a modalidade pode ser expressa por recursos linguísticos pertencentes a diferentes categorias, tais como verbos (*poder*, *dever*), advérbios (*provavelmente*, *necessariamente*), afixos (*-vel*); (ii) esses mesmos recursos

\* Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas - SP - Brasil. mauricio\_resende@hotmail.com. ORCID: 0000-0001-7487-5043

\*\* Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, Florianópolis - SC - Brasil. nubia.rech@ufsc.br. ORCID: 0000-0002-9278-2702

podem ser usados para expressar diferentes tipos de modalidade, tais como deôntica, epistêmica, circunstancial etc.,<sup>1</sup> e (iii) os elementos que veiculam leituras modais, às vezes, se prestam igualmente a outros empregos, como é o caso do verbo *dever* em (1) e do sufixo *-vel* em (2).

- (1)
  - a. O Pedro deve dinheiro para o João.
  - b. O Pedro deve viajar na terça-feira.
  
- (2)
  - a. Este tecido é lavável (= pode ser lavado).
  - b. Este tecido é confortável (≠ pode ser confortado).

Em (1a), *dever* é lexical e denota uma situação de dívida; em (1b), assume uma denotação modal (deôntica ou epistêmica). Muitos trabalhos já se debruçaram sobre as propriedades (morfo)sintáticas e semânticas de *dever* e, por essa razão, essa discussão não aparece contemplada no presente artigo. O exemplo em (2a) dispara uma leitura modal, o que pode ser atestado pela paráfrase correspondente com o verbo *poder* e a leitura de possibilidade, já (2b) parece veicular uma leitura não modal, dada a má formação da paráfrase com *poder* – o que sugere que *-vel* é igualmente compatível com diferentes interpretações.

Um tratamento possível para as diferentes ocorrências de *-vel* (assim como de *dever*) seria considerá-lo um item polissêmico ou, alternativamente, considerar a existência de diferentes sufixos *-vel*, que disparariam diferentes interpretações, mas que contêm uma mesma forma fonológica, ou seja, tratar esse fenômeno como instância de homonímia. Naturalmente, ambos os tratamentos têm que lidar com o fato de que essa multiplicidade de empregos e de interpretações é atestada translinguisticamente (o que é um argumento forte contra a homonímia) e, além disso, com a dimensão psicológica da língua que inviabiliza a proliferação de afixos.

Alternativamente, trabalhos como Pires de Oliveira e Ngoy (2007), Pereira, Silvestre e Villalva (2013), Moreira (2014), Jovem e Silva (2016), defendem que muitas das interpretações semânticas veiculadas pelos adjetivos em *-vel* podem ser capturadas pela natureza da base, isto é, as diferentes leituras podem ser resultado das propriedades dos verbos ou dos nomes que servem de base para sua derivação. Cabe observar, no entanto, que se as diferentes interpretações desses adjetivos dependessem, ainda que minimamente, de uma palavra que servisse de base para sua formação, seria difícil explicar o comportamento de casos como aqueles que aparecem em (3), para os quais não há nenhum verbo ou nome morfológicamente relacionado.

---

<sup>1</sup> Kratzer (1981, 1991), Hacquard (2006, 2010), Pires de Oliveira e Ngoy (2007), Moreira (2014), entre outros.

(3)

afável	formidável	potável
comestível <sup>1</sup>	inefável	responsável <sup>2</sup>
compatível	inexorável	suscetível
deplorável	maleável	vulnerável
flexível	plausível	

Os dados em (3) levantam a questão de que, qualquer que seja o tratamento atribuído aos adjetivos em *-vel*, este deve levar em conta outras propriedades que não a de uma base (verbal ou nominal), já que essa unidade não é encontrada em um número expressivo de casos – diferentemente do que é sugerido na análise de Jovem e Silva (2016), por exemplo. Naturalmente, há quem defenda que os exemplos em (3) são casos de lexicalização e que só uma análise diacrônica pode dar conta dessas ocorrências – essa é a posição de Pereira, Silvestre e Villalva (2013). De qualquer forma, como discutido na seção *A sintaxe dos adjetivos em -vel*, a inércia morfológica da raiz não impede que a leitura do adjetivo em *-vel* seja transparente.

Entretanto, do ponto de vista da aquisição da linguagem, esse não é um argumento válido, já que, para uma criança adquirindo a língua, tudo é português, independentemente do trajeto histórico-linguístico da palavra. Além disso, verifica-se que algumas das leituras semânticas (inclusive a modal) estão disponíveis também para esses casos, como pode ser visto em *potável* (= que pode ser bebido), *comestível* (= que pode ser comida), *plausível* (= que pode ser sustentado), *maleável* (= que pode ser manipulado) etc.

Adicionalmente, existem casos em que ainda é possível estabelecer uma relação entre o adjetivo em *-vel* e um item de outra categoria, como verbo ou nome, como apontam os exemplos em (4). De todo modo, uma proposta que assume que palavras derivam de outras ou, mais especificamente, que adjetivos em *-vel* são deverbiais (porque derivam de verbos) ou denominais (porque são derivados de nomes) deve explicitar de que forma as bases se relacionam ao seu produto em contextos de alomorfia, ou seja, se adjetivos com alomorfia na raiz constituem uma entrada lexical diferente ou se a regra que permite formar o adjetivo em *-vel* é sensível à variação na forma.

---

<sup>2</sup> É verdade que *comestível* pode ser relacionado ao verbo *comer*, porém, o fato de que há mais material morfofonológico no adjetivo (no caso, *-est-*) sugere que *comestível* não pode vir diretamente do verbo, já que não há o verbo *\*comestar*.

<sup>3</sup> Para alguns falantes, pode ser que *responsável* esteja relacionado ao verbo *responder*, como em  *você precisa falar com o responsável pela criança*, com o significado de “você precisa falar com aquele que responde pela criança”; no entanto, casos como *João é um homem responsável*, a relação com *responder* é bem menos evidente. Seja como for, a inclusão ou não de *responsável* nesse conjunto de dados não invalida a generalização feita.

(4)

admissível	móvel	sensível
audível	mutável	risível
compreensível	perceptível	solúvel
disponível	possível	visível
legível	reversível	

A respeito disso, Pereira, Silvestre e Villalva (2013, p.46) defendem que “[...] é possível estabelecer um nexos semântico entre *visível* e *ver* ou entre *sensível* e *sentir*, mas essas derivações não são explicáveis na morfologia do português.” Uma morfologia baseada em palavras tem, de fato, dificuldade de relacionar diferentes formas de uma mesma raiz; contudo, não parece ser o caso de não haver uma explicação para essas derivações, uma vez que a alomorfia é um fenômeno bastante recorrente e não exclusivo dos adjetivos em *-vel*, já que pode ser encontrado – para citar apenas um exemplo – em formas de participio como *abrir/aberto*, *ver/visto*, *pôr/posto* etc. Além disso, vale a pena notar que a alomorfia ocorre também em casos em que a forma raiz é mais facilmente relacionável a um nome do que a um verbo, como pode ser visto em (5).

(5)

razoável (← razão)
rentável (← renda)

Dadas essas considerações, o presente artigo tem como objetivo principal propor um tratamento para a morfologia e a sintaxe dos adjetivos em *-vel* que capture suas propriedades morfofonológicas, sintáticas e semânticas sem, contudo, desconsiderar os casos que apresentam alomorfia na raiz – como em (4) e (5) – ou ainda aqueles cuja raiz não é produtiva de um ponto de vista sincrônico – como em (3).

No que concerne ao tratamento proposto para os adjetivos em *-vel*, a presente análise assume o quadro teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993), em uma abordagem sintática para a formação de palavras. Com base nesse modelo e, mais especificamente na proposta de Oltra-Massuet (2014), este trabalho defende que as diferentes leituras disparadas pelos adjetivos em *-vel* não resultam das propriedades de sua base, mas advêm da presença dos diferentes núcleos funcionais que compõem sua estrutura, tais como *v*<sup>o</sup>, Asp e Mod.

Além disso, ao prescindir de um modelo em que os “itens lexicais” são os átomos da derivação sintática, é possível gerar palavras que não dependem – estrutural ou semanticamente – de outras palavras, mas somente de suas raízes e dos núcleos sintáticos que elas contêm. Assim, dentro do quadro da Morfologia Distribuída (MD), este trabalho entende que a alomorfia na raiz vista em casos como (4) e (5) pode ser capturada por meio de uma regra que determina a forma fonológica de uma dada raiz a depender do ambiente (morfo)sintático em que ela ocorre. Por fim, em detrimento de polissemia e de homonímia, este trabalho defende que /vel/ é um único item de

Vocabulário que realiza o núcleo adjetivizador a<sup>o</sup> no contexto de uma projeção ModP e também de um traço [CAUSA], independentemente da sua interpretação – o que explica sua multiplicidade de ocorrências.

Para tanto, este trabalho está dividido da seguinte maneira: na seção *A semântica dos adjetivos em -vel*, é feita uma discussão a respeito das possíveis interpretações que os adjetivos em *-vel* podem veicular e, em seguida, é apresentada uma proposta para a tipologia desses adjetivos, seguindo Kratzer (1981, 1991). Na seção *A sintaxe dos adjetivos em -vel*, este estudo introduz brevemente o modelo da Morfologia Distribuída e apresenta a análise proposta para os adjetivos em *-vel* com base nesse quadro, na esteira de Oltra-Massuet (2014), focando em suas propriedades sintáticas. Finalmente, na seção *A morfologia dos adjetivos em -vel*, são feitas considerações específicas às propriedades morfofonológicas dessa classe de adjetivos, ancoradas no mesmo modelo.

### A semântica dos adjetivos em *-vel*

Já se tornou uma conclusão consensual dos trabalhos sobre os adjetivos em *-vel* (independentemente da filiação teórica) que, pelo menos, um dos seus empregos veicula uma interpretação modal ou, mais especificamente, uma leitura de possibilidade. O ponto em que esses trabalhos diferem (além de, naturalmente, a implementação teórica) diz respeito a (i) o conjunto total de interpretações que esse afixo pode veicular, ou seja, quantas e quais leituras estão disponíveis além da de possibilidade e (ii) o lugar de onde vem essa multiplicidade de sentido. O Quadro 1 resume a classificação dos principais trabalhos encontrados na literatura para o português de acordo com as interpretações semânticas dos adjetivos em *-vel* atribuídas pelos diferentes autores.

**Quadro 1** – Resumo das tipologias dos adjetivos em *-vel* de acordo com sua interpretação

Tipo de leitura	P e N (2007)	Pereira, Silvestre e Villalva (2013)	Moreira (2014)	Exemplo
propriedade	✓	✓		durável
propriedade do sujeito			✓	admirável
possibilidade	✓	✓		calculável
impossibilidade		✓		invencível
obrigação moral	✓			louvável
interpretação ativa		✓		variável
interpretação modal			✓	quebrável

Fonte: Elaboração própria.

Diferentemente dos autores listados no Quadro 1, Jovem e Silva (2016) não apresentam propriamente uma tipologia dos adjetivos em *-vel*, classificando-os

de acordo com suas propriedades sintáticas e/ou semânticas. De todo modo, esses autores reconhecem que um dos empregos de *-vel* (quando formados a partir de verbos transitivos) envolve uma leitura de “possível/passível de ser” e que essa interpretação não está disponível para adjetivos derivados de bases nominais. Seja como for, uma rápida observação da classificação proposta pelos autores citados no Quadro 1 revela que ainda que a definição acerca dos tipos de leitura não seja consensual, esses autores – incluindo Jovem e Silva (2016) – compartilham de alguma intuição.

Não obstante, no que tange à tipologia para os adjetivos em *-vel* proposta no presente trabalho, um dos empregos desses adjetivos, como também é consenso na literatura, é aquele que dispara uma leitura de possibilidade. Essa leitura é facilmente parafraseável por construções do tipo *pode ser X*, como visto em *lavável* (‘pode ser lavado’), *montável* (‘pode ser montado’), *clonável* (‘pode ser clonado’) e, igualmente, em um contexto de negação, como em *invencível* (‘não pode ser vencido’) e *inquebrável* (‘não pode ser quebrado’) etc.

Há adjetivos em *-vel* que denotam probabilidade e, por isso, essa classe é melhor parafraseada por construções com *dever* (e não, *poder*) o que pode ser visto em *durável* (‘que dura’/‘que deve durar’), *agradável* (‘que agrada’/‘que deve agradar’), *inflável* (‘que infla’/‘que deve inflar’). Vale a pena notar que a leitura de probabilidade ocorre também no domínio verbal, como na diferença entre *pode chover* e *deve chover* – cf. Resende (2015) para uma discussão sobre esses casos.

Um terceiro caso é o de adjetivos em *-vel* que disparam uma leitura de obrigação moral (PIRES DE OLIVEIRA; NGOY, 2007), isto é, casos como *admirável* (‘deve ser admirado’), *louvável* (‘deve ser louvado’), *lamentável* (‘deve ser lamentado’). Conforme Oltra-Massuet (2014), esses adjetivos correspondem a um julgamento avaliativo do falante em relação a um dado elemento. A leitura modal desse tipo de adjetivo parece advir da ideia de obrigação, daí a correspondência com paráfrases que empregam o auxiliar modal *dever*, em uma leitura deontica. Adicionalmente, a leitura de “obrigação moral” admite também paráfrases com o verbo *merecer*, como em *essa atitude é louvável* (‘essa atitude merece ser louvada’). Esse tipo de obrigação se relaciona ao que Feldmann (1986) denomina obrigação do tipo *ought-to-be*, que descreve como um estado de coisas *deve ser*, não responsabilizando um participante específico pelo cumprimento de uma lei ou regra.

Finalmente, há um tipo de emprego dos adjetivos em *-vel* que, diferentemente dos apresentados anteriormente, não dispara uma leitura modal. Esse é o caso de *amável* (‘que desperta amor’), *confortável* (‘que traz conforto’), *horrível* (‘que causa horror’), *terrível* (‘que causa terror’). Estes parecem acionar uma leitura de causatividade – o que está em convergência com Oltra-Massuet (2014). A paráfrase, nesses casos, é feita com verbos como *causar*, *despertar*, *trazer*, os quais envolvem uma ideia de gatilho.

Dadas essas considerações e em convergência com outros estudos discutidos na literatura, este artigo argumenta que adjetivos em *-vel* podem disparar quatro tipos de leitura, a saber, (i) possibilidade, (ii) probabilidade, (iii) obrigação e (iv) gatilho, o que aparece resumido no Quadro 2.

## Quadro 2 – Classificação dos adjetivos em *-vel* de acordo com sua interpretação

Tipo de leitura	Paráfrase	Exemplos
possibilidade	‘que pode ser X-do’	lavável, aplicável, curável
probabilidade	‘que deve X’ / ‘que X’	variável, agradável, perecível
obrigação	‘que deve ser X-do’ / ‘que merece ser X-do’	respeitável, lastimável, memorável
gatilho	‘que traz X / que desperta X/ que causa X’	confortável, amigável, desprezível

Fonte: Elaboração própria.

Conforme sintetizado no Quadro 2, dos quatro empregos dos adjetivos em *-vel*, três envolvem leitura modal. A multiplicidade de diferentes leituras modais é um assunto que tem sido abordado na literatura no que concerne aos verbos modais – cf. Pires de Oliveira e Scardulli (2008), Rech (2010), Pessotto (2011), Resende (2015) para discussão e referências. Exemplos desses casos podem ser vistos em (6).

(6)

- a. A Maria pode chegar atrasada hoje. Na verdade, acho isso bem possível.
- b. A Maria pode chegar atrasada hoje. Ela tem minha autorização para isso.
- c. A Maria pode chegar atrasada hoje. E isso por causa do mau tempo.

Como ilustram os dados em (6), um item com a mesma forma morfofonológica pode disparar diferentes leituras modais. Em (6a), *pode* tem uma leitura epistêmica, que pode ser parafraseada por *de acordo com tudo o que o falante sabe sobre o mundo e sobre Maria, Maria chega atrasada hoje*. Diferentemente, em (6b), o verbo *poder* tem uma interpretação deontica e veicula uma leitura de permissão semelhante a *dadas as regras vigentes, Maria tem permissão para chegar atrasada hoje*. Por fim, (6c) aciona uma leitura circunstancial, igualmente recuperável em *devido ao mau tempo, é possível que Maria chegue atrasada hoje*.

Não é objetivo deste artigo apresentar uma análise semântica detalhada (ou formalizada) para esses casos ou para aqueles dos adjetivos em *-vel* – para isso, cf. Pires de Oliveira e Ngoy (2007) –, mas é importante mostrar que a veiculação de diferentes leituras modais por um mesmo elemento é possível também em outros domínios. Os dados em (7) ilustram as diferentes leituras modais associadas aos sufixo *-vel*.

(7)

- a. Esta camisa é lavável, por causa do material de que ela é feita.
- b. Aquela pilha é durável. E é bem provável que dure até o final do dia.
- c. Essa situação é lamentável. Não há como discordar disso.

A partir dos exemplos em (7), ancorando-se na proposta de Kratzer (1981, 1991), este artigo entende que os ingredientes responsáveis pelas diferentes leituras modais

são os que aparecem no Quadro 3. Seguindo essa proposta, paráfrases para os dados em (7) podem ser encontradas em (8).

**Quadro 3** – Ingredientes da interpretação modal

Tipos de leitura	Tipo de modalidade	Força modal	Base modal	Fonte de ordenação
possibilidade	circunstancial	possibilidade	circunstancial	estereotípica
probabilidade	epistêmica	necessidade	epistêmica	estereotípica
obrigação	deôntica	necessidade	circunstancial	deôntica

Fonte: Elaboração própria.

(8)

- a. [é possível] [por causa do seu material] [se tudo ocorrer normalmente] lavar essa camisa.
- b. [é necessário] [dado o mundo como ele é] [se tudo ocorrer normalmente] essa pilha durar.
- c. [é necessário] [dadas as circunstâncias] [segundo as leis morais] lamentar essa situação.

Assim como no caso dos verbos, lançando mão de conceitos como *força modal*, *base modal* e *fonte de ordenação*, podem-se capturar as diferentes leituras modais associadas aos adjetivos em *-vel*. A maneira como codificar esses ingredientes na estrutura desses adjetivos aparece na seção *A sintaxe dos adjetivos em -vel*.

### **A sintaxe dos adjetivos em *-vel***

Na seção *A semântica dos adjetivos em -vel*, foi apresentada uma proposta para classificar os adjetivos em *-vel* de acordo com o tipo de leitura que dispara. Esta seção apresenta uma proposta para as estruturas sintáticas para esses adjetivos, a qual é capaz de refletir os seus diferentes tipos de leitura semântica. Na seção *A morfologia dos adjetivos em -vel*, são mostradas as suas especificidades morfofonológicas.

Como já referido, a análise proposta neste artigo argumenta que um modelo de morfologia baseado em palavras – isto é, um modelo que assume que as palavras derivam de outras, no léxico – enfrenta sérias dificuldades para dar conta do conjunto de fenômenos empíricos que envolve os adjetivos em *-vel*. Por essa razão, este artigo propõe um tratamento antilexicalista, valendo-se dos pressupostos da Morfologia Distribuída, com o objetivo de mostrar que um modelo sintático para formação de palavras apresenta vantagens em relação a um modelo lexicalista, à luz das propriedades dos adjetivos em *-vel*.



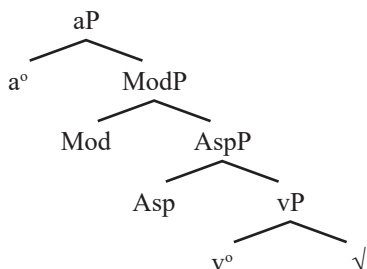
Mais especificamente, diferentemente de modelos lexicalistas baseados em palavras, a MD defende que o único componente gerativo da gramática é a sintaxe e que tanto palavras quanto sintagmas/sentenças são formados pelo mesmo conjunto de operações (concatenação, movimento e *Agree*). Dentro do quadro da MD, “palavra” não tem nenhuma estatuto teórico privilegiado, e as informações fonológicas, sintáticas e semânticas dos então chamados “itens lexicais” estão distribuídas em três listas, que são acessadas em diferentes momentos da derivação. Segundo Marantz (2015), a Lista 1 (o *Léxico estrito*) alimenta a sintaxe com raízes e feixes de traços morfossintáticos/semânticos abstratos (isto é, desprovidos de conteúdo fonológico e de conteúdo semântico não composicional); essa primeira lista fornece ao sistema computacional (a sintaxe) as peças para a formação das estruturas, e este gera palavras, sintagmas e sentenças.

Sob essa perspectiva, adjetivos não podem ser deverbais ou denominais, são as operações sintáticas que vão determinar a categoria da palavra por meio da concatenação de raízes a núcleos funcionais (e, dentre eles, núcleos categorizadores). Posteriormente, as estruturas geradas pela sintaxe são enviadas para as interfaces: a caminho de PF, a *estrutura morfológica* (MS) realiza operações adicionais na estrutura (fusão, fissão, empobrecimento, inserção de morfemas dissociados etc.), atendendo, assim, aos requerimentos de boa formação morfológica específicos a cada língua e, em seguida, uma operação denominada *inserção de Vocabulário* atribui às estruturas geradas pelo sistema computacional a sua informação fonológica, a qual aparece na Lista 2 (o *Vocabulário*) juntamente com a informação contextual para a sua inserção.

Simultaneamente, na ramificação para LF, a Lista 3 (a *Enciclopédia*) fornece às estruturas o seu conteúdo semântico não composicional, extralinguístico, por meio de instruções contextuais para a sua interpretação. Portanto, diferentemente de modelos lexicalistas nos quais as palavras são os átomos da derivação sintática, na MD, os primitivos sintáticos são as raízes (morfemas lexicais), desprovidas de categoria, e os feixes de traços gramaticais abstratos (morfemas funcionais). A derivação sintática articula, então, desde morfemas até sentenças – propriedade conhecida na literatura como *estrutura sintática hierárquica por toda derivação* (HALLE; MARANTZ, 1994).

Especificamente com relação aos adjetivos em *-vel*, uma análise sintática para a sua formação envolve um morfema lexical (a raiz) e morfemas funcionais (nós terminais sintáticos) que licenciam as propriedades morfológicas, sintáticas, semânticas encontradas nos itens formados. Sendo assim, em se tratando de uma classe de adjetivos, a derivação deve conter, pelo menos, um núcleo funcional adjetivizador (a<sup>o</sup>) e uma raiz (√). Outros núcleos funcionais entre esses dois morfemas vão ser responsáveis pelas nuances sintáticas e semânticas dessa classe. Assim, partindo dos Quadros 2 e 3, a estrutura básica proposta neste artigo para os adjetivos em *-vel* com interpretação modal pode ser vista em (9):

(9)



Conforme argumentado na seção *A semântica dos adjetivos em -vel*, três dos quatro empregos dos adjetivos em *-vel* envolvem interpretação modal. Oltra-Massuet (2014) entende que esse tipo de leitura pode ser capturado por meio da projeção de um núcleo funcional modal (Mod) na estrutura, como indicado em (9). Contudo, conforme mostrado no Quadro 3, a interpretação modal resulta de mais de um fator. Assim, seguindo a proposta de Oltra-Massuet, este estudo propõe que o núcleo funcional Mod deve ser especificado quanto à força modal (existencial ou universal). Este ingrediente deve aparecer codificado na estrutura. Já o tipo de modalidade é especificado pela base modal e pela fonte de ordenação, dadas contextualmente a partir do *fundo conversacional* (KRATZER, 1981, 1991).

Adicionalmente ao elemento modal, muitos trabalhos concordam que alguns adjetivos em *-vel* contêm propriedades verbais. Essa constatação serviu de motivação para outros estudos – por exemplo, Pereira, Silvestre e Villalva (2013), Jovem e Silva (2016) etc. – considerarem que esses adjetivos vêm de verbos (ou de bases verbais). Todavia, como já afirmado, este trabalho defende que as palavras são formadas na sintaxe e não derivam de outras palavras (ou bases). Ainda assim, é possível capturar generalizações empíricas importantes a respeito de propriedades normalmente atribuídas a verbos (ou a elementos “deverbais”) também nessa teoria.

Marantz (2015), Alexiadou (2001), Harley (2009), Oltra-Massuet (2014), para citar apenas alguns, defendem que as propriedades verbais de uma dada estrutura podem ser licenciadas pela presença de uma camada funcional verbal na estrutura, isto é, um vP – como aponta (9). Talvez a propriedade verbal mais evidente seja a de interpretação eventiva (a mesma que aparece nos verbos); tal leitura de evento faz com que seja possível introduzir adjuntos temporais na estrutura, como mostra (10) para os três tipos de adjetivos modais – (a) possibilidade, (b) probabilidade e (c) obrigação.

(10)

- a. Um raio infravermelho é detectável quando o Sol está em uma posição  $\alpha$ .
- b. O plano é infalível enquanto o Pedro estiver no comando.
- c. Esta é uma situação lamentável independentemente de quando ocorra.

Adicionalmente, seguindo Fu, Roeper e Borer (2001) e Alexiadou (2001), a presença de uma camada verbal na estrutura é capaz de licenciar advérbios de VP (no caso, advérbios de modo), como exemplificado em (11).

(11)

- a. Um cronograma facilmente ajustável tem suas vantagens.
- b. Uma bateria durável apenas temporariamente não resolve o meu problema.
- c. Um professor plenamente respeitável não deveria ter uma atitude dessas.

Além disso, a presença de uma camada verbal e, por consequência, a possibilidade de interpretação eventiva deve ser capaz de licenciar a ocorrência de agentes. Os exemplos em (12) se referem a esse licenciamento.

(12)

- a. Esse quebra-cabeça é montável por qualquer criança com mais de dois anos.
- b. \*Esse plano é infalível por alguém que tem conhecimento sobre o assunto.
- c. \*Esse é um cenário lamentável por quem deseja um país melhor.

O que os dados em (12) mostram é que os três tipos de adjetivos modais diferem com relação ao licenciamento de agente, isto é, somente os adjetivos em *-vel* com leitura de possibilidade permitem adjuntos agentivos. Seja como for, isso não serve de contraevidência para a postulação de uma camada verbal, mas apenas sugere – contra Oltra-Massuet (2014) – que o argumento externo não é licenciado por vP. Assim, seguindo Kratzer (1996) e Alexiadou (2001) – entre outros –, este artigo propõe que o argumento externo seja licenciado por um núcleo funcional diferente daquele que projeta o argumento interno e dispara uma leitura de evento, a saber, Voz. Portanto, esta análise sugere que os três empregos modais dos adjetivos em *-vel* contêm em sua estrutura um vP, mas apenas os adjetivos de possibilidade têm um núcleo Voz.

Além disso, quanto às propriedades do núcleo verbalizador, uma distinção a mais deve ser feita. Alguns autores – como Marantz (2015), Alexiadou (2001), Harley (2009), Oltra-Massuet (2014), para citar alguns – entendem que nem todos os categorizadores verbais têm as mesmas propriedades. Por exemplo, alguns devem vir especificados quanto a serem verbalizadores de estruturas passivas ou ativas e, valendo-se dessa ideia, Oltra-Massuet (2014) argumenta que o v<sup>o</sup> dos adjetivos com leitura modal seja especificado com o traço [PASS] de sintaxe passiva – uma intuição também presente nos trabalhos de Pereira, Silvestre e Villalva. (2013) e Moreira (2014).

A postulação desse traço explica, por exemplo, por que a paráfrase correspondente à leitura de possibilidade (*contável* = “pode ser contado”) e à de obrigação (*lastimável* = “deve ser lastimado”) envolve uma construção passiva, diferentemente do que ocorre com os adjetivos com leitura de probabilidade (*agradável* = que deve agradar, mas não #“que deve ser agradado”). Logo, esta análise defende que o núcleo verbalizador dos adjetivos em *-vel* com leituras modais circunstancial (possibilidade) e deôntica

(obrigação) são especificados com o traço [PASS], mas aqueles com leitura epistêmica (probabilidade), não – e, portanto, têm uma “sintaxe ativa”.

Como relação ao núcleo Asp que aparece em (9), segundo Oltra-Massuet (2014), ele deve vir com especificação de aspecto resultativo (<sub>R</sub>). Seguindo Embick (2004), para Oltra-Massuet, trata-se de um morfema que cria um estado resultante de um evento anterior (dado por vP), ou seja, um *livro publicável* é um livro que, dadas as circunstâncias, tem a propriedade de ser publicado ou de atingir o estado resultante de um evento de publicação. Sob a mesma perspectiva, um *produto durável* é um produto que, se tudo ocorrer como normalmente ocorre, atinge um estado “duradouro” que resulta da eventualidade de durar. Por fim, seguindo a mesma linha, um *incidente lamentável* é um incidente que, segundo as leis morais vigentes, atinge um estado resultante de um evento de lamentação (“lamentado”).

Adicionalmente a esses casos, esta proposta tem a vantagem de poder lidar com adjetivos que apresentam uma leitura modal circunstancial, mas que não possuem um verbo relacionável, como é o caso de alguns membros da lista (3), a saber, *comestível* (‘que pode ser comido’), *compatível* (‘que pode coexistir’), *flexível* (‘que pode adaptar-se’), *inefável* (‘que não pode ser descrito’), *inexorável* (‘que não pode ser corrompido’), *maleável* (‘que pode ser manipulado’), *plausível* (‘que pode ser sustentado’), *potável* (‘que pode ser bebido’), *suscetível* (‘que pode receber/ser atingido por’), *vulnerável* (‘que pode ser prejudicado’). O mesmo se aplica a adjetivos como *responsável* (‘que deve responder (por algo ou alguém)’), *memorável* (‘que deve ser lembrado’) e *razoável* (‘que deve ser considerado’), que têm uma leitura deôntica.

Ainda que nem todas as paráfrases sugeridas sejam totalmente equivalentes, a leitura modal é facilmente recuperável, como parece ser o caso de *água potável* (“é possível, dadas as circunstâncias, se tudo ocorrer como normalmente ocorre, beber essa água”) ou *projeto suscetível a mudanças* (“é possível, dadas as circunstâncias, se tudo ocorrer como normalmente ocorre, mudar esse projeto”); sob a mesma perspectiva, um *evento memorável* (“é necessário, devido às circunstâncias, dadas as leis morais vigentes, lembrar desse evento”).

Finalmente, pondo de lado os adjetivos em *-vel* com leitura modal, cumpre tecer algumas considerações acerca do conjunto de exemplos com leitura de gatilho. Dada a ausência de interpretação modal, esses adjetivos não apresentam em sua estrutura a projeção ModP. Como se depreende a partir dos dados em (13), essa classe também não contém um vP – o que é capturado pela postulação de uma base nominal em propostas lexicalistas como a de Pereira, Silvestre e Villalva (2013) e Jovem e Silva (2016).

(13)

- a. Esse sofá é confortável \*em três horas/\*imediatamente/\*pela empregada.
- b. Esse cãozinho é amigável \*por uma semana/\*repentinamente/\*pela Maria.
- c. Sua atitude é desprezível \*por um dia/\*inteiramente/\*pelo professor.

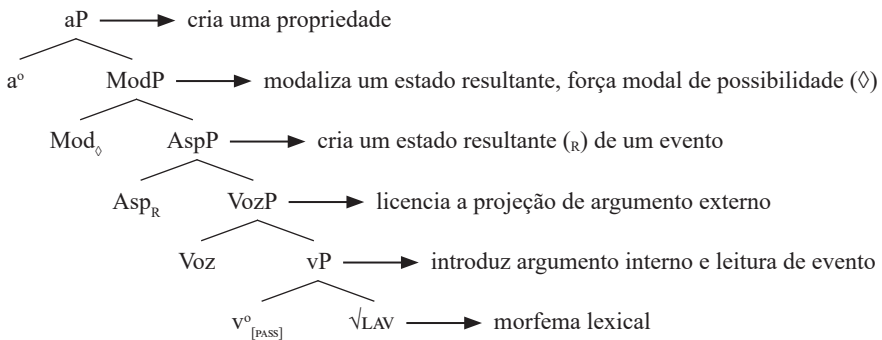
Assim, na esteira de Embick (2004) e Oltra-Massuet (2014), este artigo propõe que a leitura de gatilho desses adjetivos pode ser gerada por uma estrutura em que a raiz se concatena diretamente com um núcleo Asp com especificação estativa (<sub>E</sub>), e não resultativa (como no caso dos modais). Posteriormente, ocorre a formação de um adjetivo pela subsequente concatenação a um categorizador adjetival a° (como nos outros casos). A leitura de gatilho poderia ser capturada, nesses casos, por meio de um traço [CAUSA], presente no categorizador adjetival.

Nessa perspectiva, um *sofá confortável* é um sofá cuja propriedade é a de causar/gerar um estado de conforto; um *cãozinho amigável* significa um cãozinho que traz/desperta um estado de amizade; uma *atitude desprezível* é uma atitude que tem a propriedade de provocar/desencadear um estado de desprezo. Vale a pena notar que um subconjunto dos exemplos em (3) se encaixa também na classe de leitura de gatilho, o que pode ser visto em *afável* ('que desperta cortesia/acolhimento'), *deplorável* ('que causa pesar/sofrimento'), *formidável* ('que causa admiração/espanto').

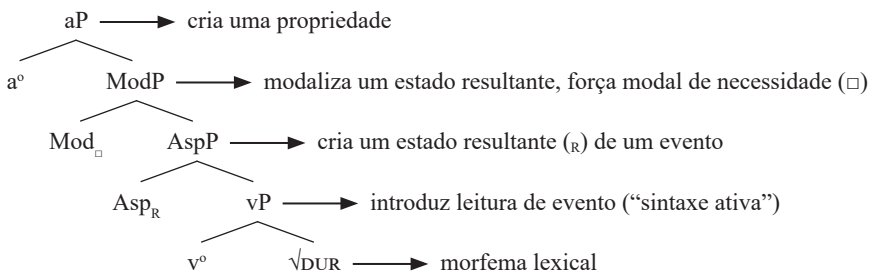
Em síntese, conforme a análise defendida neste artigo, cada um dos empregos dos adjetivos em *-vel* envolve uma estrutura sintática diferente, a qual dá conta de explicar suas propriedades sintáticas e semânticas, como aparece em (14).

(14)

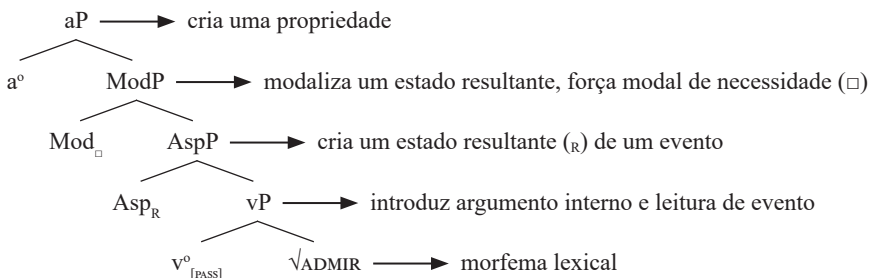
a. lavável (modal circunstancial, leitura de possibilidade).



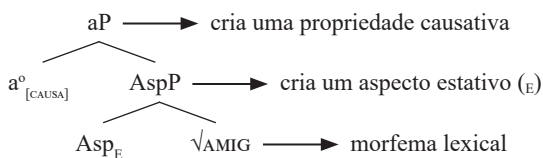
b. durável (modal epistêmico, leitura de probabilidade).



c. admirável (modal deôntico, leitura de obrigação moral).



d. amigável (não modal, leitura de gatilho).



### A morfologia dos adjetivos em *-vel*

A seção *A semântica dos adjetivos em -vel* teve por objetivo classificar os adjetivos em *-vel* de acordo com suas propriedades semânticas (e, conseqüentemente, os tipos de leituras que elas disparam) ao passo que, na seção *A sintaxe dos adjetivos em -vel*, foi proposta uma estrutura (sintática) para esses adjetivos de modo que fosse possível recuperar suas propriedades semânticas e gramaticais. Finalmente, esta seção tem vistas a tecer alguns comentários especificamente sobre as propriedades morfofonológicas dos adjetivos em *-vel* que tangem não às suas propriedades sintáticas e semânticas, mas às suas características estritamente formais.

Como já referido, dentro do quadro da MD, depois que o sistema computacional gera as estruturas, estas são enviadas para as interfaces. Na ramificação em PF, a MS é o componente que opera sobre as estruturas geradas pela sintaxe para dar conta das suas condições de boa formação morfológica como, por exemplo, a inserção de morfemas dissociados. De acordo com Embick (1997), estes são morfemas inseridos apenas na estrutura morfológica para atender a essas condições, sem qualquer relevância sintática ou semântica; esse é o caso das vogais temáticas, por exemplo. Harris (1999) propõe que todo núcleo categorizador ( $x^{\circ}$ ) na sintaxe vai projetar uma posição temática *th* em MS – como exemplificado em (15).



contexto sintático em que ela ocorre. Assim, por exemplo, a alomorfa vista em *rentável* ('que traz/gera renda') pode ser capturada por uma regra contextual de inserção de Vocabulário como a que aparece em (17).<sup>5</sup>

- (17)
- $$\sqrt{\text{REND}} \leftrightarrow /re^{\text{t}}/ \text{ / } \_\_\_ \text{ a}^{\circ}.$$
- $$\sqrt{\text{REND}} \leftrightarrow /re^{\text{d}}/ \text{ / } \text{demais ambientes.}$$

O conjunto de regras em (17) prevê que a raiz  $\sqrt{\text{REND}}$  tenha realização fonológica / $re^{\text{t}}$ / no contexto de um núcleo adjetivizador (formando, por exemplo, *rentável*), mas que seja realizado como / $re^{\text{d}}$ / nos demais ambientes (verbal como *render* ou nominal como *renda*). Dessa forma, é possível determinar a realização fonológica da raiz a depender do contexto sintático em que ocorre, evitando a proliferação de itens lexicais com as mesmas propriedades sintáticas/semânticas. Tal mecanismo é igualmente aplicável a qualquer um dos casos em (4) e (5).

Por fim, no que concerne à morfofonologia dos adjetivos em *-vel*, falta explicar por que tantas interpretações diferentes (modais e não modal) com propriedades (/estruturas) sintáticas diferentes albergam o mesmo afixo. Oltra-Massuet (2014), para línguas como o catalão e o espanhol, propõe uma regra contextual de inserção de Vocabulário sensível à presença do núcleo funcional modal. Assim, na esteira dessa proposta, (18) poderia ser a regra para a inserção de Vocabulário para os adjetivos modais em *-vel*.

- (18)
- $$\text{a}^{\circ} \leftrightarrow /vel/ \text{ / } \_\_\_ \text{ ModP.}$$

A regra em (18) prevê que o núcleo adjetivizador vai ter a realização fonológica / $vel$ / no contexto de uma projeção funcional modal (ou seja, ModP), como mostra (14a-c). Isso explica por que (independentemente da leitura modal veiculada) os adjetivos modais sempre se realizam como *-vel*. No entanto, (18) não explica por que os adjetivos em *-vel* com leitura (não modal) de gatilho são realizados pelo mesmo item de Vocabulário, dada a ausência da projeção que serve de contexto para sua inserção – isto é, ModP. Para esse caso, seria necessário, então, postular uma regra de inserção de Vocabulário que fosse sensível não a uma *projeção* presente na estrutura, mas a um *traço* presente em um determinado núcleo, como mostra (19), com base em (14d).

- (19)
- $$[\text{CAUSA}] \leftrightarrow /vel/ \text{ / } \_\_\_ \text{ a}^{\circ}.$$

---

<sup>5</sup> Esse fenômeno poderia ser igualmente capturado por meio de regras de reajuste fonológico (HALLE; MARANTZ, 1993) sem prejuízos para a análise.



A regra em (19) determina que o traço [CAUSA] (responsável pela leitura de gatilho) seja realizado como /vel/ no contexto de um a<sup>o</sup> – mas não de um v<sup>o</sup>, por exemplo – gerando assim, a forma fonológica esperada. Cumpre notar que a inserção dos itens de Vocabulário a partir de traços é bastante produtiva principalmente no domínio verbal, como ilustram as regras em (20), extraídas de Halle e Marantz (1993, p.126) para a morfologia verbal do inglês, sendo todos estes traços de T.

(20)

[+PRET] ↔ /d/

[+PARTICÍPIO] ↔ /ing/

[3.SG] ↔ /z/

Assim, com base em (18) e (19), criam-se dois contextos de inserção para o (mesmo) item de Vocabulário *-vel*, ainda que estes tenham propriedades sintáticas e semânticas bastante distintas. Vale a pena notar que a ocorrência de um mesmo item de Vocabulário para estruturas com sentidos diferentes não é exclusividade dos adjetivos em *-vel*, e pode ser observada também para o nominalizador *-ção*, em que a leitura iterativa presente em *matação (de aula)*, *bateção (de lata)*, *arrumação (da casa)* não aparece em *realização (de um sonho)*, *alteração (no projeto)*, *observação (dos resultados)*.

### Considerações finais

Neste artigo, foi proposta uma análise para os adjetivos em *-vel* que permite explicar as suas propriedades morfofonológicas, sintáticas e semânticas. Esta análise, embasada em Oltra-Massuet (2014), postula que as leituras associadas a esses adjetivos resultam da presença das projeções funcionais que compõem sua estrutura – vP, AspP e ModP. Neste estudo, foi assumido que *-vel* corresponde a um único item de Vocabulário que sempre realiza o núcleo adjetivizador a<sup>o</sup> em contextos de uma projeção ModP e no contexto de um traço [CAUSA], independentemente da sua interpretação. Isso explica o fato de poder gerar diferentes leituras modais e, ainda, uma leitura não modal. A análise assumida para a derivação dos adjetivos em *-vel* com essas duas leituras considera que os itens formados recebem suas propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas da raiz e de nós terminais sintáticos. As leituras modais resultam da projeção do núcleo funcional Mod, o qual deve conter a especificação da força modal. O tipo de modalidade é dado pelo fundo conversacional.

Outro aspecto importante apontado no artigo é o fato de os adjetivos com leitura modal diferirem em relação à presença de um agente na estrutura. Foi mostrado que a ocorrência de adjuntos agentivos só é possível em construções em que os adjetivos em *-vel* têm leitura de possibilidade. Por isso, foi proposto nesta análise, diferentemente de Oltra-Massuet (2014), que o argumento externo é licenciado pelo núcleo VozP, o qual é projetado apenas na estrutura dos adjetivos em *-vel* com leitura de possibilidade – cf. (14a).

Já o núcleo  $v^o$  é projetado em todas as leituras modais desses adjetivos. Esse núcleo difere, portanto, em relação à verbalização de estruturas passivas ou ativas. Essa especificação explica a diferença entre leituras modais de possibilidade e obrigação de um lado – as quais admitem correspondência passiva – e de outro, uma leitura de probabilidade (que não admite tal correspondência). Para dar conta desse fato, propôs-se que o núcleo  $v^o$  dos adjetivos em *-vel* com interpretação de possibilidade, em (14a), e de obrigação moral, em (14b), são especificados com o traço [PASS], diferenciando-se estruturalmente dos de leitura epistêmica, em (14c).

Os adjetivos em *-vel* com leitura de gatilho não projetam as categorias ModP e  $vP$  na estrutura, conforme (14d). Nesse caso, a raiz se concatena com um núcleo aspectual estativo, e a leitura de gatilho é dada pelo traço [CAUSA], presente no categorizador adjetival ( $a^o$ ). Em relação às propriedades morfofonológicas dos adjetivos em *-vel*, foi observada a ocorrência de duas vogais temáticas: uma projetada por  $a^o$ , que se realiza como  $\emptyset$  no singular, recebendo fonologia em contextos de plural; e outra projetada por  $v^o$ , que aparece igualmente nos verbos. Entretanto, o estatuto da vogal que precede /vel/ na leitura não modal (bem como a propriedade que licencia sua projeção) deve ser explorado em trabalhos futuros.

Por fim, a explicação de por que os adjetivos em *-vel* geram leituras modais e não modal está na aplicação de duas regras. A que garante leitura modal, formulada em (18), prevê que o núcleo adjetivizador seja realizado como /vel/ em contextos em que há a projeção ModP. Já a regra correspondente a leitura não modal, formulada em (19), prevê que o traço de [CAUSA] no contexto de um adjetivizador ( $a^o$ ) seja realizado como *-vel*.

## Agradecimentos

Agradecemos ao CNPq pelo auxílio (processo 424025/2016-7), concedido pelo Edital Universal 01/2016 e pelo financiamento da pesquisa de Doutorado (processo 141644/2016-8).

RESENDE, M.; RECH, N. An analysis for *vel*-adjectives in the light of distributed morphology. *Alfa*, São Paulo, v.64, 2020.

- *ABSTRACT: This paper presents an analysis for vel-adjectives based on Distributed Morphology framework (HALLE; MARANTZ, 1993). This proposal, developed on Oltra-Massuet's (2014) work, argues that the modal (possibility, probability and obligation) and the non-modal (trigger) readings associated to vel-adjectives result from the presence of different functional heads composing their structure ( $v^o$ , Asp and Mod). Under this view, this paper claims that /vel/ amounts to a single Vocabulary item spelling out the adjectival head ( $a^o$ ) in the environment of both ModP morpheme and [CAUSE] feature. This explains the different readings, which Brazilian Portuguese speakers relate to these adjectives. Adjectives licensing*

*a modal interpretation have a ModP morpheme in their structure, whereas the ones with a non-modal reading do not project it. This study proposes an important structural distinction among vel-adjectives having a modal reading, namely, only the ones presenting a possibility-reading project Voice, the other ones project only vP, which inserts the event-reading, but does not license the extern-argument projection (see KRATZER, 1996; ALEXIADOU, 2001). Finally, the present analysis suggests the occurrence of a [CAUSE] feature at adjectival head, which assigns the trigger reading to vel-adjectives with a non-modal reading.*

- **KEYWORDS:** *Distributed morphology. vel-Adjectives. Modality.*

## REFERÊNCIAS

ALEXIADOU, A. **Functional structure in nominals:** nominalization and ergativity. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

EMBICK, D. On the resultative participles in English. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v.35, p.355-392, 2004.

EMBICK, D. Voice systems and the syntax/morphology interface. *In: WORKSHOP ON ASPECT, ARGUMENT STRUCTURE, AND EVENTS*, 1997, Pensilvânia. **Proceedings of the UPenn**. Pensilvânia: MIT, 1997. p.41-72. Disponível em: <https://www.ling.upenn.edu/~embick/voicesys.pdf>. Acesso em: 11 maio 2020.

FELDMAN, F. **Doing the best we can**. Dordrecht: Reidel, 1986.

FU, J.; ROEPER, T.; BORER, H. The VP within process nominals: evidence from adverbs and the VP anaphor do-so. **Natural Language and Linguistic Theory**, Dordrecht, v.19, p.549-582, 2001.

HACQUARD. On the event relativity of modal auxiliaries. **Natural Language Semantics**, Nova Iorque, v.18, n.1, p.79-114, 2010.

HACQUARD, V. **Aspects of modality**. 2006. 214f. Tese (Doutor em Filosofia da Linguística) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2006.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Some key features of Distributed Morphology. **MIT Working papers in Linguistics:** papers in phonology and morphology, Cambridge, v.21, p.275-288, 1994.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. *In: HALE, K.; KEYSER, J. (ed.). View from the word building 20*. Cambridge: MIT, 1993. p.111-176.

HARLEY, H. The morphology of nominalizations and the syntax of vP. *In: RATHERT, M.; GIANNAKIDOU, A. (ed.). Quantification, definiteness and nominalization*. Oxford: Oxford, 2009. p.320-342.

HARRIS, J. Nasal depalatalization ‘no’, morphological well-formedness ‘si’: the structure of Spanish word classes. **MIT Working papers in Linguistics**, Cambridge, v.33, p.47-82, 1999.

JOVEM, M. S.; SILVA, J. R. Rede construcional dos adjetivos formados por ‘-vel’ no português. **Odisseia**, Natal, v.2, n.1, p.3-18, 2016.

KRATZER, A. Severing the external argument from its verb. *In*: ROORYCK, J.; ZARING, L. (ed.). **Phrase structure and the lexicon**. Dordrecht: Springer, 1996. p.109-137.

KRATZER, A. Modality. *In*: VON STECHOW, A.; WUNDERLICH, D. (ed.). **Semantics: an international handbook of contemporary research**. Berlin: Walter de Gruyter, 1991. p.639-650.

KRATZER, A. The notional category of modality. *In*: EICKMEYER, H.; RIESER, H. (ed.). **Words, worlds and contexts: new approaches in words semantics**. Berlin: Walter de Gruyter, 1981. p.38-74.

MARANTZ, A. Sem escapatória da sintaxe: não tente fazer análise morfológica na privacidade do seu próprio léxico. **ReVEL**, Porto Alegre, v.13, n.24, p.8-33, 2015.

MOREIRA, B. E. C. Two types of dispositional adjectives. **ReVEL**, Porto Alegre, n. 8, nesp, p.86-196, 2014.

OLTRA-MASSUET. **Deverbal adjectives at the interface: a cross-linguistic investigation into the morphology, syntax and semantics of ‘-ble’**. Mouton: De Gruyter, 2014.

PESSOTTO, A. L. ‘Pode’ e ‘podia’: uma proposta semântico-pragmática. **Revista da ABRALIN**, [s.l.], v.10, n.2, p.11-41, 2011.

PEREIRA, R. V.; SILVESTRE, J. P.; VILLALVA, A. Os adjetivos em ‘-vel’ formados em português: estrutura argumental, estrutura temática e aspecto da base verbal. **ReVEL**, Porto Alegre, v.11, n.20, p.43-66, 2013.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; NGOY, F. M. Notas sobre a expressão semântica do sufixo ‘-vel’: a expressão da modalidade no PB. **Revista Letras**, Curitiba, n.73, p.185-201, 2007.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; SCARDUELLI, J. A. Explicando as diferenças semânticas entre ‘ter que’ e ‘dever’: uma proposta em semântica de mundos possíveis. **Alfa**, São José do Rio Preto, v.52, p.215-234, 2008.

RECH, N.. O processo de auxiliaridade no português brasileiro: uma análise dos modais ‘poder’, ‘dever’ e ‘ter que’. **Working papers em Linguística**, Florianópolis, n.2, p.37-51, 2010.

RESENDE, M. S. Algumas diferenças semânticas entre ‘dever’ e ‘poder’. **Versalete**, Curitiba, v.3, n.5, p.36-49, 2015.

Recebido em 31 agosto de 2018

Aprovado em 7 de março de 2019